

# REGENERADOR LIBERAL

SEMENARIO POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO

Typographia e impressão  
Rua D. Antonio Barroso, 29-31

Redacção e administração  
Rua D. Antonio Barroso

Editor responsavel  
FERNANDO MONTEIRO

## Caso escuro

Até às 2 horas da tarde do dia 20 apresentaram propostas de conversão a Companhia dos Phosphoros e a casa Hambro. Só um quarto de hora depois se recebia um officio da Companhia dos Tabacos, contendo dois enveloppes fechados. E só vinte e seis horas depois se abriu um dos enveloppes, tornando-se perfeita a proposta da Companhia dos Tabacos, que até então podia tornar perfeita outra proposta, auctorisando a abertura do outro envelope, ou não tornar perfeita proposta nenhuma por não auctorisar a abertura de nenhum dos dois sobrescriptos.

A Companhia dos Tabacos só apresentou officio, quando já podia e devia conhecer a existencia das propostas alheias; só tornou perfeita uma proposta, quando se tinham aberto as propostas de outras entidades, e lhes podia conhecer os termos, dada uma indiscrição do governo, ou de alguém do governo.

O gabinete plagiou o milagre de Josué para servir a Companhia dos Tabacos. O sol nasce para todos, mas só para, no seu movimento apparente, para a feliz Companhia.

Houve uma indecorosa burla, em proveito de uma empresa, em prejuizo de outra.

Debalde a imprensa ministerial mette os pés pelas mãos, e diz um dia que houve concurso, para dizer o contrario no dia seguinte, e depois voltar a affirmar a existencia de um concurso, mas *sui generis*, restricto e condicional.

Tudo isso nada importa. De nenhuma maneira era licito commetter uma burla. De nenhuma maneira era decente dar a uma empresa interessada fraudulento conhecimento de uma proposta alheia.

Quer-se estabelecer para a immoralidade e para a illegalidade um regimen benevolo de defezo, como para a caça. O concurso é o defezo para a moral e para o direito. Fora do con-

curso, atra-se-lhes a matar!

A moral e a lei são os complementos grammaticaes de algumas palavras da lingua portugueza. *Concurso* é um dos raros substantivos communs que demandam tal complemento.

Ha-de concordar-se que a moral theorica da imprensa governamental vale bem a moral pratica do governo. A defeza jornalística não fica a dever nada ao facto governamental.

A imprensa progressista accentua agora que só foram convidados a apresentar propostas n'um certo praso a Companhia dos Tabacos e a Companhia dos Phosphoros.

Mas que concluir d'ahi? Que não devia ser aberta a proposta Hambro? Mas o governo abriu-a.

Que não devia ser tomada em consideração? Mas o governo, entendendo o contrario, habilitou subrepticamente a Companhia dos Tabacos a fazer-lhe concorrência.

De não haver sido dirigido convite especial, com fixação de praso, á casa Hambro, só se poderia deduzir que ella não ficava sujeita ao praso. Mas seria irrisorio concluir que o praso obrigava a casa Hambro, por lhe não haver sido fixado, e não a Companhia dos Tabacos... por lhe haver sido designado expressamente!

Não ha defeza possivel para o governo. Foi surpreendido em flagrante delicto de burla.

N'um paiz de opinião publica teria sido immediatamente escorraçado do poder. Mas estamos n'um paiz, em que a ausencia d'um senso moral parece ser a fonte de juventude perpetua.

O governo cada vez se considera mais senhor do paiz. E' modesto. Um proverbio portuguez ensina que *quem não tem vergonha, todo o mundo é seu*.

A imprensa opposicionista tem insistentemente affirmado a existencia de uma *nota do governo francez*. Segundo as noticias d'esses jornaes, o governo francez

pretende, com a ameaça de crear dificuldades financeiras, evitar:—1.º que se negocie a conversão com grupo differente d'aquelle a que pertence a Companhia dos Tabacos;—2.º que se acabe com o *contrôle* que, por intermedio da Companhia dos Tabacos e do seu *comité* francez, se realiza sobre a nossa administração financeira. E' sabido que a Companhia retém a parte do rendimento do Estado, necessaria para fazer face aos encargos das obrigações.

Os jornaes progressistas não negaram a existencia da *nota*. Negaram a existencia de *incidente diplomatico*.

Esta saloia distincção não é de natureza a tranquilisar o paiz.

Parece que o governo recebeu a *nota*... mas considera as imposições, que ella contem, como absolutamente compatíveis com a nossa autonomia e a nossa dignidade collectiva!

Porventura a *nota*, para o nosso governo, cahiu como a sopa no mel...

Quer ser coacto... a realisar os seus mais intimos desejos.

Quer ser coato... a fazer negocios com a Companhia dos Tabacos, cujos concorrentes tem querido desviar por todas as formas, até mesmo pretendendo obter da Procuradoria Geral da Corôa a declaração da incapacidade juridica da Companhia dos Phosphoros para tomar o exclusivo dos Tabacos.

Quer ser coacto... a fazer negocio com uma companhia, em beneficio da qual acaba de praticar a indecorosa burla dos enveloppes.

A *nota* corresponde aos interesses da Companhia dos Tabacos, coincide absolutamente com os desejos intimos do governo.

Mas isso basta para que não constitua incidente diplomatico? O menosprezo da nossa autonomia é um acontecimento feliz, se aproveita a um certo syndicato, grato a um certo governo? Uma imposição estrangeira é aceitavel por ter culplices no governo do paiz?

A *nota* é um acontecimento grave, que complica

essencialmente com a realidade pratica da nossa autonomia politica e financeira.

Podem a companhia e os seus protectores tel-a provocado, e celebra-la como caída do céu aos trambulhões. Para o paiz é em si mesma um serio incidente diplomatico, que cumpre liquidar com serena energia.

## José Augusto Carneiro

Encontramos no «Diario dos Açores» uma apreciação da monumental obra «Memoria Genealogica e Biographica sobre Marinhos Falcões» do distincto escriptor e nosso brilhante collaborador o Ex.<sup>mo</sup> Sr. José Augusto Carneiro — apreciação que, mui gostosamente, transcrevemos, não só por ser honrosissima para este nosso amigo, como por conter doutrinas muito bem pensadas e expostas, acerca da materia da referida obra:

E' este o titulo d'um excellento volume, in 4.º grande, de 570 paginas, publicado ultimamente, na cidade do Porto, pelo distincto linhagista e archeologo, o ex.<sup>mo</sup> sr. José Augusto Carneiro, que ha mais de 30 annos goza da justa fama de lidimo escriptor genealogico, pelo que conquistou elevado logar entre Camillo Castello Branco, Visconde de Sanches de Baena, Ernesto do Canto, Theophilo Braga, Visconde de Castilho, Anselmo Braacamp Freire e outros, que na mesma especialidade são mestres competentes e auctoridades de primeira ordem.

O presente e importante volume descreve, minuciosamente, em face de documentos valiosos e idoneos e d'uma paciente investigação de muitos annos, a traveza da Historia, da tradição, de innumeras dificuldades e do pó de velhos archivos, a origem, ascendencia, descendencia e biographia dos «Marinhos Falcões», desde remotas eras até nossos dias! Revive do passado o que ha seculos se achava quasi esquecido e em parte ignorado; biographa os vultos principaes d'esta illustre familia; desenterra do olvido as suas façanhas e os seus altos serviços prestados á Religião e á Patria; enriquece mais a historia do nosso reino; subsidia a d'outros países, e demonstra, para mais extensão e alcance, o parentesco da referida familia com multissimas outras casas, igualmente nobilis-

simas, no que, só a esta parte, consagra 49 capitulos, tratados com o mesmo apuro e correcção.

Em Portugal, onde o desleixo d'uns, a par da ignorancia e da inveja d'outros, quasi não ha o verdadeiro culto do passado e são rarissimos, portanto, os escriptores que se dedicam ao improprio e arduo trabalho da genealogia e heraldica, pôde dizer-se que a publicação d'um livro, como o de que vimos tratando, é um verdadeiro acontecimento.

A irmã primogenita da Historia é a Genealogia, e só o estudo d'esta é que nos pode auxiliar na *photographia* dos vultos, cujos actos constituem essa mesma historia. Não basta olhar para o edificio, é preciso conhecer-lhe o engenheiro e os seus auxiliares; não basta o conhecimento, que possamos ter d'uma succedida batalha, é preciso conhecer-lhe o general, os seus officiaes e todos os seus heroes emfim.

A obra, portanto, do talentoso linhagista, sr. Augusto Carneiro, é digna de justo e sincero applauso. Presta um serviço revelante e benemerito; e não somos nós que lh'o reconhecemos; mas sim, e ainda bem, a imprensa do continente, como vemos d'alguns jornaes d'ahi, que d'ella se occupam com muito desenvolvimento, louvor e agrado.

E' que a melhor força de que pode dispor um povo, para a conservação da sua historia, está no culto do passado, pois este o conduz á imitação dos grandes exemplos e ao avigoramento da sua raça. Sem a memoria e o conhecimento d'esses homens, que conquistaram os seus pergaminhos e os seus brazões, formando e honrando, engrandecendo e continuando o seu paiz; sem a conservação das suas lendas, que são, inclusive, o cimento da nossa nacionalidade, da continuação da nossa historia e glorias; sem ellas que são até a forma mais suggestiva da historia popular; não é facil mantermos, no presente a energia e a fé, que nos deve formar a consciencia do que fomos, do que valemos e do que podemos ser.

Os feitos, as acções e os procedimentos d'esses nobres, d'esses fidalgos verdadeiros, d'esses loucos sublimes de abnegação e coragem, são para os países, em geral, como para as familias, em especial, os elementos constituintes das novas gerações. Devem, pois, merecer sempre o nosso culto, para evitar ou, pelo menos, attenuar a degenerescencia, a bastardia e os cruzamentos, inconvenientes ou hybridos.

Homenagem, pois, á tradição, e sempre constante a lembrança de que ella, quer no seio da familia nobre, quer no do povo, unifica os espiritos na nobreza e no interesse da mes-

ma causa, que é a honra e o bem estar da Pátria, realisando assim uma synthese espontanea do sentimento e do dever, da honra e do brio, da instrucção e do engrandecimento.

Terminando, acrescentaremos que o colossal e excellento trabalho do distincto genealogista sr. José Augusto Carneiro, está elaborado conforme o systema estabelecido e imposto pelos antigos linhagistas. É illustrado com 9 brazões em photogravura, 5 quadros ou arvores de costado e uma gravura em zincographia da capella de S. Sebastião, no Alto Minho, da igreja matriz de Monsão, onde se acha o juzigo de D. Vasco Marinho.

R. de C.

## Abreus

(Continuação do n.º 90)

14 Antonio Marinho Falcão de Castro de Moraes de Abreu Bacellar e Lyra Sotto Mayor. Foi Bacharel formado nas faculdades de canones e direito, pela Universidade de Coimbra e Fidalgo da Casa Real por successão a seus maiores. Succedeu a seu irmão Sebastião Marinho Falcão de Castro de Moraes de Abreu Bacellar e Lyra Sotto Mayor, Moço Fidalgo da Casa Real, Fidalgo Cavalleiro, Comendador da Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, Desembargador da Casa da Supplicação do Porto, e Guardado Theouro Publico da mesma cidade, por occasião da entrada do exercito libertador—nas Casas de Roriz, Paro, Geraz, Ruiões, Fonte e Nogueira. Foi agraciado com o titulo Visconde de Roriz, em recompensa dos serviços, prestados por seu pae e avô nos reinados da Senhora D. Maria I.ª e de El-Rei D. João VI.

Casou com D. Maria do Carmo de Araujo Martins de Gouveia Moraes Sarmento, da Casa de Minotres, filha de Francisco Joaquim de Gouveia Moraes Sarmento, e de sua mulher D. Joaquina Rosa de Araujo Martins da Costa Bernardes.

Tiveram:

15 Manoel Marinho Falcão de Castro de Moraes de Abreu Bacellar e Lyra Sotto Mayor Sarmento, Bacharel formado na faculdade de direito pela Universidade de Coimbra. Herdou de seu pae a Casa de Roriz, onde reside no estado de solteiro. s. g.

15 D. Julia Angelica Marinho Falcão de Castro de Moraes Sarmento, Senhora da Casa das Portas, em Geraz, solteira.

15 D. Ermelinda Joaquina Marinho Falcão de Castro de Moraes Sarmento, Senhora da Casa da Fonte, em Castellões, solteira.

15 Antodio Marinho Falcão de Castro de Moraes de Abreu Bacellar e Lyra Sotto Mayor Sarmento. Bacharel formado na faculdade de direito pela Universidade de Coimbra, e senhor da Casa do Penedo, em Pias, termo de Monção, vivendo actualmente na sua Casa de Juzam, em Lousada.

Casou, na Casa da Costilha, com D. Elvira Julia de Abreu Pinho de Sousa Freire Pitta Malheiro, filha 3.ª de Manoel Pinto de Sousa Freire Pitta Malheiro, senhor da Casa da Costilha, em Lousada, descendente da Casa de Villa de Punho, junto a Vianna do Castello, e da Casa dos Malheiros, de Villa Nova de Cerveira, e de sua mulher D. Amelia Augusta Cabral de Abreu, da cidade do Porto. c. g.

1 D. Maria de Abreu. Foi filha de Gonçalo Aunes de Abreu.

Casou com John Falconeth (1), alcaide-mór e governador da Praça de Benavente, que veio de Inglaterra com a Rainha D. Filipa de Lancastre, mulher de El-Rei D. João 1.º, na qualidade de seu mordomo-mór, como já se acha citado na demonstração precedente.

Tiveram:

2 João Falcão (2) que viveu nos reinados de D. João 1.º e D. Duarte, levando a bandeira da Ordem de Christo na tomada de Ceuta. Foi alcaide-mór de Mourão, senhor do Castello de Vide,

(1) John Falconeth, falleceu na Praça de Benavente de Campos, quando el-rei D. João 1.º e o duque de Lancastre entraram em Castello, como consta das chronicas de El-Rei D. João 1.º, pgs 236 e 246, e na de D. Nuno Alvares Pereira, pgs 527, n.º 167.

É seu 13.º neto o humilde auctor d'este artigo e 14.º neto o sr. visconde de Ranches de Buena. Dos descendentes de John Falconeth, aliados aos Menas, procedem os seguintes senhores e cavalheiros:—D. Maria da Conceição de Mendonça Falcão e Povoas, solteira, residente na cidade da Guarda; D. Maria Maximina de Mendonça Falcão e Povoas, casada com o Dr. Manoel de Serpa Pimentel, Moço Fidalgo da Casa Real, Comendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, do Conselho de Sua Magestade, Juiz aposentado do Supremo Tribunal de Justiça, e 2.º Barão de S. João de Areias; D. Maria da Piedade de Mendonça e Lemos de Azevedo, casada com o Dr. Bento Teixeira de Figueiredo e Amaral, um dos maiores proprietarios viticultores no Dão, Alto Douro e Matheus, e senhor da magnifica quinta de S. Salvador, em Vizeu; Dr. Aivaró de Mendonça Falcão e Povoas, Juiz de Direito em Portalegre, senhor da Casa e morgado de Girabolhos, casado com D. Maria Quiteria de Cabêdo Almeida e Vasconcellos, filha de Antonio Maria de Almeida e Vasconcellos, senhor das Casas de S. Pedro do Sul, Tavero e Roriz, actualmente marquez de Roriz; Antonio Cesar de Gouveia Leite Farinha e Mena Junior, diplomado com o curso de Conductor de Obras Publicas e Minas, em Lisboa, descendente de Gonçalo Mendes de Gouveia, notavel alcaide-mór de Samora, e cavalleiro professo da Ordem de S. Thiago da Espada, casado com D. Maria Adelaide de Castro Constanção, 3.ª neta de Manoel Constanção, o 1.º restaurador da cirurgia em Portugal no seculo XVIII, cirurgião de nome da Real Camara da Rainha D. Maria 1.ª, e auctor da celebre *Apostilla de Anatomia*, e Rodolpho Soares Cardoso da Fonseca e Castro, Cavalleiro da Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa e major do corpo dos officiaes da administração militar em Ponta Delgada (Açores) (Vide *Memoria Genealogica sobre Menas e suas alianças*, e *Memoria Genealogica e Biographica sobre Marinhos e Falcões*—por José Augusto Carneiro.)

(2) João Falcão, filho de D. Maria de Abreu e John Falconeth, alferes-mór do Infante D. Fernando, e que teve a honra de levar a bandeira da Ordem de Christo, quando el-rei D. João 1.º entrou em Ceuta; achou-se no palanque de Tanger, levando a bandeira da Cruzada. Casou com D. Branca de Sousa, filha natural do grande D. Lopo Dias de Sousa, Mestre da Ordem de Christo, e progenitor dos Condes de Miranda marquez de Arronches e Duques de Lafões.

Teve muita descendencia, contando-se entre ella o celebre poeta Christovão Falcão, que fez as trovas que chamam de Christal, composta da 1.ª syllaba Chris, da palavra Christovão, e da 2.ª syllaba Fal, da palavra Falcão.

Este poeta Christovão Falcão, foi bisavô de D. Francisca Falcão, 2.ª mulher de D. Paulo da Gama, o qual era filho natural de D. João da Gama, Capitão de Malaca, que depois foi a China e ao Mexico, casando na India com D. Joanna de Menezes, filha de D. Jorge de Menezes, o «Baroche», neto de D. Francisco da Gama, 2.º almirante da India, 2.º Conde da Vidigueira e estribeteiro-mór de El-Rei D. João 3.º, e bisneto de D. Vasco da Gama, 1.º Conde da Vidigueira, descobridor da India Oriental, natural de Silves, e sua mulher D. Catharina de Athaide, a qual era filha de Alvaro de Athaide, senhor de Pena Cova e Alcaide-mór de Alvor. (Vide *Memoria Genealogica sobre Menas e suas alianças*, pgs. 66 e 67.)

Monforte, Povoas e Meadas. Casou com D. Branca de Sousa, filha natural de D. Lopo Dias de Sousa, Mestre da Ordem de Christo.

2 Manoel Falcão, com quem se continua

3 João Falcão. Foi alcaide-mór da villa de Mugem. Serviu aos reis D. João 1.º e D. Duarte, na India, como se refere na 5.ª Decada de João de Barros, pg. 4, cap. 6.º, e tambem na 1.ª parte da *Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa*, p. 151.

Casou com D. Luiza de Macedo, filha de Pedro Afonso Cotta, e de sua mulher D. Anna de Macedo, naturaes de Santarem.

Tiveram:

3 João Falcão, que morreu moço.

3 Estevão Falcão, alcaide-mór de Mugem, e escudeiro fidalgo da Casa Real, em 1522.

3 Vasco Fernandes Falcão, com quem se continua.

3 Duarte Falcão, que casou com D. Lourença de Pina s. g.

3 Pedro Falcão, que casou em Galliza com D. . .

Tiveram:

4 D. Anna Falcão, que casou com Monsieur Tristão, fidalgo francez, e foram paes de D. Lançarote Falcão. Fidalgo da Casa Real e 1.º commandador de Santa Maria dos Anjos, em Monção, que casou com D. Joanna Marinho de Eça, filha legitimada de D. Vasco Marinho, como igualmente já se fez menção na demonstração precedente.

(Continua)

Porto. José Augusto Carneiro.

**A tuberculose em Barcellos—Aspecto geral do quadro—Inconvenientes do que se fazia e do que está a fazer-se—Um sanatorio em perspectiva—A acção da Santa Casa**

A tuberculose em Barcellos é uma questão de alta transcendencia e que deve preoccupar, vivamente, todos aquelles, que tem sob os seus hombros o pesado encargo de vigiar pela saude publica, porque d'esta depende, em grande parte, não só a felicidade e o bem estar dos povos, mas tambem a conservação e aperfeiçoamento de uma raça, outrora forte e em condições de luta e, hoje, profundamente abatida e arrastando-se, doente, cansada e velha, atravez as varias vicissitudes da vida.

O mal vem de longe, mas ainda não é tarde, para accorrear e oppôr uma formidavel barreira á invasão, sempre crescente, do terrivel morbus, que tantas victimas tem feito já e continua no seu papel devastador, semeando o lucto e lançando no infortunio as classes pobres, com a perspectiva, ainda, de uma herança, que mais negro e profundamente commovedor tornará o quadro.

A Assistencia Nacional aos tuberculosos, bella e sympathica instituição da nossa Augusta Rainha, assim o comprehendendo e lá está no seu posto combatendo, por todos os modos e n'uma lucta sem tréguas, o horroroso flagello; mas esses intuitos, essa persistencia no ataque de um mal, que parece ter-nos escolhido de preferencia, para exercer a sua acção destruidora, precisam de outros collaboradores, precisam que estes—surgindo de todos os pontos do paiz e unindo-se n'um só pensamento e irmanando-se na mesma ideia

—concorram, tambem, com a sua parcella de trabalho e de intelligencia, para tornar proveitosos e praticos os intuitos da Assistencia.

N'esta terra, onde a tuberculose tem creado fundas raizes e se desenvolve e propaga com a maior facilidade, alguma coisa se tem feito já.

Ainda ha poucos annos eram os tuberculosos internados no hospital da Santa Casa da Misericordia de mistura com doentes de outras enfermidades, e isto representava, em o nosso modesto entender, um grande mal, porque—alem d'esses doentes poderem ser facilmente contaminados pelo bacillo de Koch, apesar da limpeza, acção e hygiene, que presidem ás respectivas enfermarias—não era, certamente, n'esse meio doentio e muito menos na hospitalisação, hoje condemnada para os tuberculosos, que estes iam encontrar a cura dos seus padecimentos, quando ella fosse possível, como em muitos casos innegavelmente é, mas por meio de uma solida alimentação e tratamento pelo ar em altitudes apropriadas.

Tinha, pois, inconvenientes serios e muito de ponderar a interaçao de tuberculosos no hospital, principalmente não havendo ali, como não ha, enfermaria propria e sómente destinada a essa doenca.

E que taes inconvenientes existiam, ficando até bem tristemente assignalados, provou-o um rapaz d'este concelho, que, quasi curado de uma febre typhoide, succumbiu aos estragos de uma tuberculose galopante, poucos dias depois de, a um dos lados da cama d'elle, ser collocado um tuberculoso.

Nessas condições, a primeira meza presidida pelo sr. dr. Antonio Ferraz, resolveu prohibir a entrada de tuberculosos no hospital e estabeleceu uma especie de Assistencia, segundo a qual os tuberculosos pobres da villa recebiam ração diaria e medicamentos e os de fora da villa uma importancia semanal em dinheiro e medicamentos.

Dissolvida essa meza, voltou-se ao antigo regimen, e—até que foi eleita a meza presidida pelo sr. dr. José Ramos—entraram no hospital 54 tuberculosos.

Sob esse consulado e por proposta do nosso collega Domingos Carreira, foi novamente vedada a entrada de tuberculosos no hospital, garantindo-se-lhes, em todo o caso, a subsistencia, tratamento, medico e medicamentos.

Essa providencia destinava-se, mais uma vez, a evitar que as actuaes enfermarias, circumscriptas a doentes de molestias curaveis, estivessem a cada passo pejudicadas de tuberculosos com grave risco, não só para esses doentes, como até para a propria conservação do hospital nas actuaes condições, porisso que—a continuarem-se os perigos desse estado de coisas—bem podia resultar d'elles, pelo espalhamento ali do bacillo de Koch, a necessidade de fazer desaparecer pelo fogo o edificio existente, para formar depois sobre os seus escombros um novo hospital, onde as condições de hygiene surgissem a toda a luz e de harmonia com as prescripções da sciencia moderna em tão momentoso e

complexo assumpto, tanto mais quanto hoje a tuberculose está a merecer em todos os paizes os mais serios estudos e a mais escrupulosa vigilancia e a determinar o levantamento de sanatorios nas grandes altitudes, e de modo a isolar o mais completamente possível os enfermos d'esse mal, que é um verdadeiro sorvedouro de vidas e que em Barcellos parece ter encontrado facil acclimação a desenvolvimento, se é que realmente não é até determinado pelas condições do meio e, consequentemente, um producto d'este, a despeito de a terra ser bastante limpa e arejada e renhir dotes naturaes, que muito a recommendam e tornam geralmente apreciada.

Mas a verdade é esta:—o antigo regimen tinha inconvenientes, é certo.

Realmente, hospitalisar o tuberculoso, enclausurá-lo n'uma enfermaria juntamente com doentes d'outros males e deixá-lo para ali com pouca luz e menos ar, era sepultá-lo em vida sem proveito nenhum, nem para elle, que, assim, não pôdia curar-se, nem para a Santa Casa, que, aiem de comprometter os demais doentes, tinha sempre como recompensa do beneficio prestado vê-lo caminhar, irremediavelmente, para a morte, restando-lhe, apenas, a consolação de haver minorado os soffrimentos ao infeliz que, não tendo já pernas para poder mendigar uma esmola (porque é preciso que se saiba que o tuberculoso só dá entrada no hospital, quando já está no ultimo periodo e não pode luctar) vai entregá-se nos braços da Caridade, aguardando ali o desfecho da vida.

Tinha inconvenientes o antigo regimen, como já dissemos; mas o actual estado de coisas tambem os tem, porque o tuberculoso anda ali livremente pelos cafés e pelas tascas, sem cuidados hygienicos, e aliás não pode ter, por elles custam dinheiro; escarra pelas ruas da villa e vive em casas sem luz nem ar e n'uma promiscuidade, que está, dia a dia, a comprometter a saude da mulher e dos filhos, com os quaes ainda reparte os sobejos da ração, que lhe é ministrada pela Santa Casa, estando-se, assim, a formar aqui e ali verdadeiros focos de infecção, que muito podem abalar a saude publica.

Em todo o caso, o que se estava fazendo era perfeitamente transitório e obedecia a um plano que, mais dia menos dia, havia de ter a sua realisação. E esse plano consistia na construção de um sanatorio ou estabelecimento proprio para a internação de tuberculosos, que a Santa Casa não podia levar a effeito por se tratar d'uma obra dispendiosissima, absolutamente incompativel com seus recursos, principalmente hoje que possui 8 enfermarias e uma media de 70 doentes mensalmente.

Em taes condições, dirigiu a actual meza uma representação a S. M. a Rainha pedindo-lhe que, como Presidente da Assistencia Nacional aos Tuberculosos, dotasse esta terra com um edificio onde o tuberculoso podesse receber o agasalho e os confortos da sciencia e da Caridade, livrando, assim, a terra dos doentes d'esse mal e garantindo-lhes umas taes ou quaes probabilidades de cu-

ra, compromettendo-se a Santa Casa a manter a sua custa o respectivo estabelecimento.

A resposta não se fez esperar—uma dirigida á meza e outra ao sr. presidente da camara, que tambem muito se interessou pelo assumpto,—e ella auctorisa-nos a certeza de que esta terra terá dentro em pouco um sanatorio, que ha-de prestar relevantissimos serviços aos tuberculosos e ha-de pôr-nos a coberto das terriveis contingencias de um perigo que, entre nós e por parte da Assistencia Nacional, está soffrendo uma lucta sem treguas e toda n'um sentido profundamente util e superiormente humanitario.

Bem hajam todos os que trabalham e se empenham n'essa santa cruzada, porque, na verdade, a tuberculose em Barcellos está a desenvolver-se e a propagar-se por tal forma e tão assustadoramente, que é forçoso fazer convergir para ella as melhores vontades e o mais decidido e energico empenho.

Depois e como a Santa Casa vae assumir encargos talvez superiores ás suas forças, é necessario, tambem, que os filhos d'esta terra não falem, mais uma vez, a evidenciar os seus sentimentos de altruismo, ajudando-a a levar a cabo uma obra, que em Barcellos é, de ha muito, de primeira e inadiavel necessidade.

Escólas Agricolas

Maria Christina, LICÇÕES

Poda das Videiras

Poda de formação é a que tem por fim de robustecer a cepa antes de começar a bracejar com as varas de fructo, dando a estas uma disposição regular.

Esta poda varia segundo destinamos a videira a vinha baixa ou alta.

Para vinha baixa deixa-se na cepa no 1.º anno só uma vara com dous ou tres olhos; no segundo anno deixamos ainda tambem uma só vara, geralmente a que está mais proxima do chão, com os mesmos dous ou tres olhos; no 3.º anno, se a cepa já está forte e chega á altura desejada deixam-se-lhe, conforme o vigor da cepa, duas ou mais varas ou varas e polegares conforme o systema de poda que tiver de ser adoptado.

Para a poda alta (ramadas ou arvores) no primeiro anno em vez de cortar a vara mais proxima do chão deixa-se a da ponta e, em vez de ficar curta, corta-se pelo 5.º, 6.º ou 7.º entre-nó, ou mais ainda, conforme o vigor da cepa, mas cejam-se todos os olhos, excepto os dous ou tres da ponta.

D'este modo acode a seiva só ás tres varas que nascem dos olhos que se deixaram, ficando por isso ellas mais robustas.

Deixando os olhos todos, como erradamente fazem muitos lavradores, a seiva distribue-se por 7 ou 8 varas, ficando por consequencia mais fraca a cepa e levando mais tempo a subir.

No segundo anno deixa-se de novo uma só vara das tres e de modo já indicado logo que a cepa chegue á altura precisa

começam-se a deixar as varas para o systema a adoptar.

Depois da videira chegar á altura conveniente temos então de fazer a poda definitiva que se divide em *poda secca* ou d'inverno e *poda verde* ou de verão.

A poda d'inverno varia nas diversas regiões e castas, mas pode reduzir-se a tres systemas: de vara, de galheiro e mixta.

A vara pode ser longa, media ou curta. A longa tem mais de 7 olhos, a media 4 a 6 e a curta 2 ou 3.

A poda curta não convem ao Minho e por isso não fallamos n'ella.

A podada vara longa tem o defeito de deixar crescer demasiadamente a cepa, vendo-se o podador na necessidade de deixar de quando em quando *polegares* que continuam a bracejar, criando troncos sobra as ramadas só com fructo na ponta. Nas castas do Minho mais avoluma esse defeito por que a maioria das castas só dão fructo do 3.º ou 4.º olho para deante, sendo preciso deixar sempre varas longas.

Vê-se, pois, que a poda assim não é boa, sendo melhor empregar a poda mixta. Com este systema, á medida que a cepa cresce vae sempre deixando varas de fructo junto aos troncos que deixarão de crescer logo que a ramada esteja coberta com os diversos braços precisos, sem se sobreporem e entrecruzarem como se vê na maioria das ramadas.

Na videira d'enforcado nota-se o mesmo defeito; varas enormes, que partem do cimo das arvores veem só dar vinho nas pontas.

(continua)

Procissão dos Passos

É no proximo domingo, 2.º da quaresima, que sahe nesta villa a magestosa Procissão dos Passos.

A meza da Real Irmandade do Bom Jesus da Cruz está empenhada em dar á esta procissão todo o brilho e imponencia e para isso emprega todos os esforços.

A procissão percorrerá o seguinte itinerario:

Na noite de sabbado—Largo da Calçada, R. D. Antonio Barroso, R. de S. Francisco e Largo da Igreja.

No domingo—Largo da Igreja, Ponte, R. Faria Barbosa, R. José Luciano de Castro, R. Infante D. Henrique, R. D. Antonio Barroso, Largo da Calçada, Campo da Feira (casas), Jardim e Campo da Feira (estrada), dando entrada no templo do Bom Jesus da Cruz.

—Veja-se adeante o convite.

Rectificação

No numero passado sahiam alguns erros typographicos, por descuido de revisão.

Na local sob a epigraphe «Augusto Soucasaux» e em que faziam algumas referencias a este nosso amigo, alem d'outros que os nossos caros leitores facilmente corrigiam, sahiu um erro que convem rectificar, até porque prejudica o sentido.

Onde se lê: «... dos amigos e administradores do seu saudoso irmão» etc. deve ler-se: «dos amigos e admiradores do seu saudoso irmão», etc.

Foi isto o que nós escrevemos. Fica assim feita a rectificação.

Carnaval

Passou quasi desapercibido n'esta villa o velho entrudo.

Tudo se raspan para o Porto, onde se realisaram grandiosos festejos carnavalescos, promovidos pelo Club Fenianos Portuenses, que attingiram um brilho extraordinario.

Desastre

Quarta-feira, de tarde, deu-se um lamentavel desastre nesta villa, ao largo da Pedra do Couto, de que resultou ficar ferido o menor de 2 annos e meio, Matheus, filho de Thereza Monteiro, vendeira.

O creado do sr. Gomes da Costa, chamado Alberto, passeava uns cavallos, fogosos e impacientes, atrelados a um carro, mas não os podendo sustentar, saltou do carro, recebendo alguns ferimentos, no intuito de livrar do perigo aquella creancinha que ali brincava, o que não conseguiu, pois o carro passou por sobre ella ferindo-a numa perna e na cabeça.

A creança recebeu curativo no hospital, parecendo não ser grave o seu estado.

Artigo

Pertence ao nosso collega da capital «Jornal da Noite» o artigo que publicamos no lugar principal.

Espectaculo

Decorreu animadissimo o espectáculo dado no «Gil Vicente» por um grupo de distinctos amadores em beneficio do Asylo d'Invalidos e da Officina Asylo do Menino Deus.

A concorrencia foi selecta e numerosa, vendo-se os camarotes repletos de damas com as suas elegantes e vistosas *toilettes*, o que dava uma realce deveras encantador. O theatro ostentava caprichosas ornamentações allusivas á quadra carnavalesca, que produziam bello effeito, e durante os intervallos jogaram-se, incessantemente e com enthusiasmo, laços d'amor, flores, confetti e serpentinas, que cruzavam entre os camarotes e que pela sua abundancia e cores variadas formavam um conjunto deveras surpreendente.

Abriu o espectáculo o grammophone do nosso amigo Joaquim d'Araujo que executou o programma annunciado, agradando muitissimo e recebendo bastantes applausos.

Em seguida entrou em scena a «Ceia dos Cardeaes». Apenas subiu o panno, rebentou uma estrepitosa e prolongada salva de palmas. A sala offerencia um aspecto deslumbrante com os magnificos cristaes e pratos da rica baixella da ex.ª familia Martins da Costa.

Todos os interpretes se houveram distinctamente e receberam calorosos e geraes applausos.

Dos camarotes lançaram-lhe flores, bouquets, etc.

A «Tuna Barcellense» executou, com mimo e correccão, sob a direcção do nosso collega Domingos Carreira, lindos trechos de musica.

Foi muito palmeada.

O sr. Loureiro Dias disse, com muita graça, o monologo «O amigo Banana», em substituição da scena comica que constava do programma, e os srs. Antonio d'Azevedo e Carlos Machado Faes recitaram

poesias e monologos, sendo todos muito applaudidos.

Por fim representou-se a comedia «Doidos com juizo», que despertou grande gargalhada nos espectadores e em que todos os personagens se moveram de forma a arrancar da plateia entusiasticos applausos.

Foram chamados ao palco os srs. Augusto Cunha, caracterisador e Antonio Loureiro Dias, ensaiador, sendo recebidos com uma salva de palmas.

Foi, enfim, uma noite de festa, que deixou em todos as mais gratas recordações.

A casa rendeu bastante. Pena foi que uma parte do producto não revertesse tambem em beneficio dos tuberculosos.

O theatro foi ornamentado por Joaquim dos Santos, rapaz de muita habilidade e gosto artistico.

Obito

Victimado pela tuberculose, finou-se nesta villa, quarta-feira ultima, José Fernandes (o Cabaço), artista caador.

«Comercio de Barcellos»

Este nosso presado collega local, órgão do partido progressista, entrou no 16.º anno de publicação.

Apresentando-lhe os nossos cumprimentos, desejamos-lhe longa vida e muitas prosperidades.

Procissão

Realisa-se hoje na freguezia do Couto de Cambeses a costumada procissão do Senhor dos Passos.

Propriedade

Chamamos a attenção para o annuncio que sob aquella epigraphe publicamos no lugar competente.

CARTEIRA ELEGANTE

Viagens

Esteve no Bom Jesus do Monte, Braga, onde foi passar o Carnaval, com sua ex.ª esposa e galantes filhinhos e sobrinha D. Virginia, o nosso querido amigo e chefe politico sr. conselheiro José Novaes.

—Sahiu para o Porto o sr. José de Bessa e Menezes

—Regressaram a Coimbra os srs. Manoel Novaes e Joaquim Paes, academicos da Universidade.

—Vimos aqui o sr. Joaquim Martins da Costa Soares Montenegro, official de cavallaria.

—Partiu para Lisboa o sr. Fernando Cardoso, alumno da Escola do Exercito.

—Encontra-se n'esta villa o sr. Francisco de Souza Caravana, escrivão de direito na Povoá de Lanhoso, nosso patricio.

—Vieram a esta villa os srs.: Armando Guerra Junqueiro e rev. Manoel Joaquim Peixoto, director do Collegio de S. Thomaz d'Aquino, de Braga.

Enfermos

Continua a experimentar melhora o sr. Antonio Esteves, escrivão-notario da comarca.

—Encontram-se enfermos os srs.: David Caravana, contador ajudante e Manoel Gonçalves Vieira de Azevedo, negociante.

—Está enfermo o rev. José Luiz Falcão, de Milhazes.

Desejamos-lhes prompto restabelecimento.

Aniversario natalicio

Faz annos:

No dia 16—o rev. Antonio Villa Cha Esteves.

ANNUNCIOS

CONVITE

PROCISSÃO DE PASSOS

A meza da Real Irmandade do Bom Jesus da Cruz convida todos os seus confrades a acompanharem na noite desabado, 18 do corrente, a imagem do Senhor dos Passos do templo do Bom Jesus para a igreja Matriz e no domingo, 19 do corrente, tomarem parte na procissão que deverá sahir da igreja Matriz pelas 4 horas da tarde.

A meza espera do sentimento religioso dos seus confrades que não deixarão de concorrer a estes actos religiosos, o que, desde já, muito agradece.

Missa do 30.º dia

Por ordem do Ex.ª Sr. João Diogo de Sousa Pinto, de Lisboa, sufragando a alma de sua Ex.ª Esposa, D. Emilia Patroni Ribeiro Pinto, reza-se amanhã, 13 do corrente, ás 9 horas da manhã, no altar do Senhor da Cruz, uma missa; e pede-se aos parentes e pessoas amigas d'aquella Senhora, e de seu marido, a fineza da sua comparsencia áquelle religioso acto.

PROPRIEDADE

Vende-se em Lijó, freguezia d'este concelho, uma grande propriedade com arvores de vinho e algum matto, com casas torres e terras e largos commodos de lavrador.

Pertence a Maria Pinto, com quem se poderá tratar até 25 de março.

Estabelecimento de Ferragens

Manoel Alves Coutinho CAMPO DA FEIRA, 90

Encontra-se n'esta casa um grande sortido de todos os artigos pertencentes a este ramo de negocio.

POSTAES ILLUSTRADOS

Ultima novidade de JOÃO MIRANDA A venda na Tabacaria Azevedo & C.ª

# TYPOGRAPHIA SOUCASAUX

RUA D. ANTONIO BARROSC  
BARCELLOS

O MAIOR DEPOSITO DE IMPRESSOS DO NORTE DE PORTUGAL  
PARA CONFRARIS, JUNTA DE PAROCHIA, ESCRIVÃES, &

Esta officina — uma das mais bem montadas do paiz — que, nos ultimos certamens municipaes, obteve

## A mais alta distincção,

tem — além de um pessoal habilitado — material de primeira ordem.

Machinas: para tirar cravação, picotar recibos, imprimir cartões, obras commerciaes de pequeno formato, obras de grande luxo (para o que possui uma "Rhenania," — o typo mais aperfeiçoado que funciona no reino —).

Em breves dias o seu proprietario retira — com pouca demora — para o estrangeiro, mas deixa em substituição — dirigindo o estabelecimento — um profissional competente, continuando, por isso, os exm. freguezes a ser servidos com regularidade e seriedade, perfeição e rapidez. A todos elles pede que não se esqueçam de quem criou n esta terra o gosto pela arte typographica e lhe deu desenvolvimento condigno com o progresso do invento de Guttemberg.

PASTELARIA E CONFEITARIA CONFIANÇA

DE  
MANOEL JOAQUIM DUARTE SALVAÇÃO

13 E 15, RUA DIREITA, 17 E 19 -- BARCELLOS

É uma das primeiras confeitarias n'esta villa, com numerosa freguezia, não só n'esta localidade como em Lisboa, Porto, Braga e Vianna do Castello, etc., para onde exporta a miude a

*Especial laranja de doce de Barcellos*

magnifico pão de ló, pastéis de massa e carne, queijadinhas e outras variedades. A confecção do doce é esmeradissima, observando-se rigorosamente a limpeza e sendo o seu fabrico de primeira qualidade.

Esta casa é a primeira n'este genero.

**Premiado com a medalha de prata**

Deposito de vinhos finos e do douro, qualidades espeziaes. Conservas. Azeitonas em latas. Mostarda franceza. Doce de calda. Bolachas finas de Lisboa e Porto, e mais artigos que é difficil enumerar.

Especial café do Rio e Ilhas, em pacotes e avulso.

**N. B.** — Esta casa não faz doce para vender em romarias, sendo o seu fabrico especial.

CURSO NOCTURNO

Instrução Primaria — 1.º e 2.º grau

Curso elementar do commercio, Português, francês, noções de geographia geral e historia patria, arithmetica pratica e noções de escripturação mercantil.

A mairicula acha-se aberta no "Externato Barcelense" — Rua Direita, 27.

## ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

**Assignatura extraordinaria**

A empresa proporeiona uma assignatura extraordinaria a preços tão reduzidos que a aquisição da **Illustração Portuguesa** fica d'este modo assombrosamente economica.

O «Seculo», a «Illustração Portuguesa» e o «Supplemento Humoristico do Seculo» assignam-se, em globo, pelos seguintes preços: — 94000 reis por anno — 43500 por semestre — 24250 por trimestre — 750 por mez.

**Assignatura ordinaria**

Portugal, ilhas e ultramar — Anno, 84000 reis semestre, 43000; trimestre, 23000.

Brazil — Anno, 52000 rs. fracos; semestre, 30000 rs. fracos

Territorio da União Postal — Anno, 10.000; semestre, 5.500

**Numero avulso 200 reis**

A venda em Lisboa: na sede da Empresa, rua Formosa 43, e em todas as tabacarias e livrarias; no Porto: abacaria Arnaldo Soares; e em todas as terras do paiz, nas agencias da Empresa d'«O Seculo».

## OFFICINA DE CARPINTERIA

DE

MANOEL RODRIGUES DA CRUZ LIMA

Campo de D. Luiz 1.º — Barcellos

Soalhos apparelhados de 300 reis e mais preços o metro quadrado.

Esquadrias de castanho, sueco, Piteh-Pine e pinho da terra, a principiar em 650 reis e mais preços o metro quadrado, segundo o desenho de figura.

Esta officina é a unica que em Barcellos pôde construir mais rapidamente, offerecendo aos proprietarios mais vantagens, porque tem sempre material prompto para construcções.

Executam-se com a maior perfeição, e segundo os ultimos desenhos architectonico, construcções com a maior rapidez possivel e por preços muito convidativos, tanto de empreitada como a jornal.

O proprietario d'esta carpinteria tem tambem, em armazem, grande quantidade de madeiras de todas as qualidades, que vende por preços limitadissimos.